

Rubem
Braga

Ar de ti

É domingo, e anoiteceu

CHEGO cansado e empoeirado ao hotel melhorzinho da cidade e peço um quarto para passar a noite. Tomo um banho, janto com tédio na saleta de mau-gosto e saio para dar uma volta.

Não tenho nada para fazer, e não conheço ninguém. Estou por acaso nesta cidadezinha do Estado do Rio como poderia estar em qualquer outra. É domingo, e anoiteceu. As môças da terra fazem o mesmo que milhões de môças brasileiras estão fazendo neste domingo de verão, nas cidades do interior: tomaram um banho à tarde, jantaram, foram ainda uma vez ao espelho ver os cabelos e os lábios, e saíram para passear na praça. Muitas irão ao cinema, sessão das oito; outras ficarão girando lentamente, em grupos, em volta desses canteiros floridos, até a hora de ir para casa.

"Hoje não tem domingueira no Ideal". Ouvi por acaso essa informação: a sede do clube está em obras, o salão vai ser melhorado para o carnaval.

No Rio também as môças passeiam em muitas praças, ao longo das praias, ou em volta dos jardins de bairro; mas esse passeio dominical das môças, nesta cidade do interior, é um rito austero e delicado, e tão antigo que eu já nem me lembrava mais. Limpas e arrumadinhas em seus vestidos claros, elas passam entre os rapazes que as olham, parados a um lado e outro da calçada. Os rapazes às vezes também circulam; elas, porém, nunca param à margem da calçada: ou estão passeando ou sentadas em um banco, um desses bancos oferecidos à comunidade pela "Panificação Real" ou pelas "Casas Pernambucanas".

Aparentemente as môças não tomam conhecimento desses grupos de rapazes que as vigiam. Vá que cumprimentem os conhecidos na primeira passada — e os cumprimentam discretamente, com um leve gesto de cabeça e a voz baixa. Mas na segunda vez já passam

olhando em frente, murmurando uma para outra seus pequenos segredos.

Certamente este senhor melancólico, este cansado forasteiro que de longe contempla a cerimônia municipal, não sabe seus mistérios. Mal se lembra que ele também em outros tempos, em outra cidade do interior, foi um desses rapazes endomingados. Há trocas de olhares — às vezes tão leves, tão aparentemente ocasionais, que o môço ou a môça não fica sabendo se esse olhar teve algum sentido — e espera, para saber, uma outra volta. São poucos minutos até que os passos lentos façam o contorno da praça; ela ainda olhará como distraída e encontrará os olhos dele? Passará conversando com a amiga sem nada ver, ou como se nada visse? Ou ele não estará mais ali, ou não voltará a cabeça?

E o desfile continua. É um desfile só para jovens: a môça que chega aos 26, 27 anos sem, ao fim de tantas voltas à praça, através daquela doce e lenta cerimônia, encontrar o môço que há de passear a seu lado (noivo) antes de poder lhe dar o braço (casado), essa já deixa de vir ao "footing", como se fôsse inútil ou ficasse feio; apenas virá um domingo ou outro, no mais ficará em casa tomando conta dos sobrinhos, quando a irmã casada fôr ao cinema com o marido.

A campanha do cinema atraiu uma boa parte dos que passeavam. Consigo um lugar em um banco e fico ali, num vago tédio lírico, vendo as pessoas. Noto que duas môças me olham e cochicham. Quando me levanto para ir para o hotel vejo que elas me espreitam, como hesitando em me falar. Aproximo-me, indago se querem me perguntar alguma coisa.

— O senhor não é da família Morais, de Niterói?

Não, pobre de mim; não sou de Niterói, nem Morais. Elas pedem muitas desculpas.